

roberto das neves: um cidadão do mundo¹

josé maria carvalho ferreira

Escrever sobre Roberto das Neves não é uma tarefa fácil, na medida em que tantos são os fenômenos e as vivências que acompanharam este homem invulgar. Seus diferentes escritos permitem-nos absorver a matriz essencial do seu pensamento e ação. Todavia, muitos dos fatos sócio-históricos que integraram a sua vida cotidiana não são possíveis de reproduzir com a proficiência devida.

Em primeiro lugar, a sua trajetória biológica e social sempre foi acompanhada por opções ideológicas, filosóficas, culturais, morais e éticas diversificadas, mas todas elas complementares e interdependentes no que concerne à sua visão do anarquismo e, conseqüentemente, da anarquia. Por outro lado, a sua incursão na visão utópica do anarquismo permitiu-lhe experienciar de forma muito singular e individual a sua plasticidade social, econômica, política e cultural nas sociedades contemporâneas do século XX.

José Maria Carvalho Ferreira é professor e pesquisador no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), na Universidade Técnica de Lisboa/SOCIUS, Portugal. Contato: jmcfr@iseg.utl.pt.

Em segundo lugar, não obstante tendo sido aculturado historicamente pela língua portuguesa, não podemos daí extrair ilações analíticas fáceis, deduzindo que a vida e a obra de Roberto Neves foi totalmente baseada numa matriz teórica e prática comum que teve a sua origem em Portugal e culminou no Brasil.

Por último, porque não tive oportunidade de conhecer ou viver com Roberto das Neves, devo levar em conta as minhas limitações em relação à pequena abordagem biográfica que pretendo realizar sobre ele. Para os devidos efeitos, recorri fundamentalmente ao trabalho de pesquisa realizado pelo seu filho Roberto das Neves no sítio: betodasneves.multiply.com/jornal. Esse fato não me impediu de consultar outros sítios, principalmente das bibliotecas em Portugal e no Brasil sobre Roberto das Neves, e de ouvir testemunhos orais de companheiros seus que conviveram com ele no Brasil. Como é normal nestas circunstâncias, procurei ler a maioria dos documentos escritos por ele, na maioria dos casos editados em livro pelo próprio Roberto das Neves.

Em função do exposto, incidirei a minha abordagem em três aspectos cruciais: a) trajetória de Roberto das Neves em Portugal; b) vida e obra de Roberto das Neves no Brasil; c) considerações finais sobre Roberto das Neves.

Trajетória de Roberto das Neves em Portugal

Roberto das Neves nasceu em 7 de setembro de 1907, em Pedrógão Grande, Distrito de Leiria, Portugal. Os seus pais tinham algumas posses, daí que os primeiros anos

da sua vida foram vividos em Pedrógão Grande. Neste período da sua infância, frequentou a escola primária na sua terra natal. A influência religiosa, embora perdurasse com pouca ênfase nas escolas primárias no tempo da 1ª República, no seio da família de Roberto das Neves, a influência da mãe e da avó materna tornaram-se relevantes.² Com nove anos, Roberto das Neves aprendeu a suportar os castigos da civilização judaico-cristã, mas, por outro lado, aprendeu também a rebelar-se contra as perversões do catolicismo na sua vida cotidiana. Diga-se, em abono da verdade, que essa postura comportamental o levou a assumir uma posição militante ateísta, sobretudo quando passou a frequentar o liceu de Coimbra após ter atingido catorze anos. Um dos episódios mais emblemáticos da militância ateísta de Roberto das Neves teve lugar numa Igreja em Coimbra, após ter adulterado a figura religiosa do corpo do Menino Jesus, aplicando-lhe um pênis com proporções desmesuradas.³ O resultado do escândalo foi sintomático. Pura e simplesmente foi obrigado a sair da casa onde habitava.

A continuidade do processo de escolarização evoluiu com o fim da frequência do liceu e o início dos primeiros anos da licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas na Universidade de Coimbra. A maturidade intelectual que acompanhou o processo acadêmico de Roberto das Neves no sentido do anarquismo começou com a sua participação na criação da União Anarquista Portuguesa, em 18 de março de 1923, em Alenquer, quando tinha quinze anos, cinco meses e onze dias. Embora tivesse participado individualmente neste evento, tudo leva a crer que fazia parte do Grupo Libertário “Os Rebeldes”⁴ e mais tarde do Grupo Libertário “Os Rebelões”⁵. A sua militância na cidade

de Coimbra desenvolveu-se quando ainda era aluno do 6º ano do liceu, razão pela qual com quinze anos ajudou a criar e a liderar o grupo estudantil “A Labareda”⁶.

A incursão literária e poética de Roberto das Neves realiza-se quando ainda muito jovem, com apenas quinze anos. Na pesquisa que me foi permitido realizar verifiquei que a viagem aérea feita por Gago Coutinho e Sacadura Cabral no Atlântico Sul, entre Lisboa e o Rio de Janeiro, em 1922, impressionou sobremaneira o jovem Roberto das Neves, daí que tenha escrito um pequeno opúsculo em memória do feito histórico e científico dos dois pilotos portugueses⁷. Quando faltavam cinco dias para fazer dezesseis anos, com o pseudônimo de Pedro das Neves, publicou um artigo extremamente radical dedicado aos *Monumentos aos Mortos da Guerra*⁸. É, sem dúvida, um manifesto contra a guerra, os exércitos, as bandeiras e as pátrias. Para Roberto das Neves, qualquer um destes fatores não tinha razão de ser ou de existir. A sua visão materialista e ateuista crítica faz com que se aproxime das ideias e práticas do anarquismo, daí que com a idade de quinze anos, dez meses e vinte e nove dias tenha escrito⁹:

“MORTE.... E DEPOIS?

(A Mário Dias Coimbra)

Que hav’rá depois da morte? – Em vão hei perguntando
ao Sol, à Terra, à Lua, ao ‘spaço ilimitado.

Haverá, além da campa, acaso, um outro mundo,
onde haja, como aqui, gente de carne e osso?

Um mundo vil, perverso, ignóbil, torpe, imundo,

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

um mundo como o nosso?

Ou um mundo melhor – o ideado pela Crença
onde os cultores do Bem, terão a recompensa,
e os sectários do Mal, padecerão o eterno,
horrendo e atroz suplício: – as chamas dum Inferno?

Mistério?

Pr'a além da campa, enfim, do túmulo funério
não consegui, ainda, o 'sábio' penetrar...

Em vão hei perguntado ao Sol, à Terra, ao Mar: Morte...
e depois?

Ninguém me sabe responder.

Mistério!...

Mas a mim sempre me quer par'cer

Que além da Morte horrenda existe a seiva: o Nada que
faz surgir da terra as coisas aos milhões,
... e que a matéria humana a um tempo é transformada,
em batatas, arroz, ciprestes ou melões..."

Coimbra, 17/1/1923

Roberto Barreto Pedroso

Denota-se neste texto uma incursão da crítica aos pressupostos da religião católica apostólica romana, mas também às manifestações perversas do capitalismo nas sociedades de antanho. Por razões que têm que ver com a sua permanência em Coimbra, Roberto das Neves transforma-se num colaborador assíduo do jornal *A Comuna*. Nesse sentido, quando tinha dezasseis anos, um mês e três dias não se coibiu de fustigar a doutrina cristã e todos seus acólitos, sobretudo a figura hipócrita e cínica do padre e do abade como figuras representativas de Deus na Terra¹⁰:

“O BOM CURA...

Prègando aos seus fieis a «sublime doutrina»,
levando aos corações a branda suavidade
da «sacra Lei divina»,
era tratado o abade,
como um raro exemplar de humana santidade.

E o bom cura ensinava, a acatar, os seus crentes,
a sã Legislação do bom Rabi judeu
e, com frases ardentes,
mostrava ao povo seu
a estrada que conduz, resplandecente, ao Céu.

Recheada a doce voz, de crença, de ternura,
ele espalhava a Lei do «Grande Deus bendito».
E, sempre com brandura,
com dulçor infinito,
preconizava o excelso, o sacrossanto rito.

Dedilhando, piedoso, um sebento rosário,
mastigava contrito, ardentes orações.
Por dia, o bom vigário,
responsos – aos milhões –
padre-nossos, prof'ria, avès, terços, sermões.

Ensinava a cumprir os santos Evangelhos
– «a doutrina de Deus, que eleva e nos redime».
Orava de joelhos,
por todos nós, sublime,
e anat'misava o Vício, a Luxúria – o Crime.

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

Mais que tudo, observava o sexto mandamento,
proibindo a transgressão, com ameaças formais.
Odiava o casamento,
os praseres carnaís
e amaldiçoava até os nossos pobres pais.

Porém, soube-se, um dia, incrível novidade:
vivendo em tal pureza e em tanta santidade,
era pai dum petiz, o venerando abade.
(imitação)”

Roberto das Neves

A república implantada em 5 de outubro de 1910 tinha sido um acontecimento histórico extraordinariamente importante para as aspirações emancipalistas dos trabalhadores portugueses, na medida em que a queda da monarquia e da influência da Igreja Católica Apostólica Romana potenciavam a probabilidade da realização de um conjunto de reformas do capitalismo no quadro da democracia representativa burguesa. Esta esperança depressa foi desfeita, tanto pelas modalidades alternadas de governo dos republicanos e democratas, como pela prisão e morte de grevistas que lutavam por melhores condições de vida social, econômica, política e cultural. A emergência histórica do anarco-sindicalismo em 1919 e do seu porta-voz *A Batalha* como jornal diário radicalizaram a ação coletiva do operariado português no sentido da emancipação social e, logicamente, do fim do Estado e do capitalismo. Todavia, Roberto das Neves sentia que uma parte substancial do operariado português ainda seguia o canto da sereia republicano iniciado em 1910. Quando tinha dezesseis anos, três

meses e dezesseis dias, Roberto das Neves permitiu-se denunciar esse embuste, do seguinte modo¹¹:

“AO POVO!...
(Um “presente”, de Natal... republicano)

O sonho que sonhaste – essa Manhã de Outubro –
embriagado, a verter teu sangue forte e rubro,
– êsse teu sonho, - vês? – é hoje realidade:
Somos *irmãos e iguais*, ao sol da *Liberdade*...

Dava-te a Monarquia – a Vil – comida amarga.
P’ra ela, desdenhosa, eras *plebe, ralé*.
...E tú, paciente e bom, como um burro de carga,
Jamais um coice deste ou armaste banzé.

Tratado como um cão: ninguém tinha respeito
à tua pel’ suada...
Passavas fome tú, que és sempre quem trabalha;
e chamava te ainda, *escória, vil, canalha*.
...Tú não dizias nada,
apenas um gemido exalava o teu peito.

Curvado, à chanfalhada, à guarda *municipal*,
tú sofrias, calado,
sob os grilhões do Clero e de tôda a Nobreza,
como um pedinte... E sem cama, e sem mesa,
corrido e maltratado,
tinhas que sustentar a Família Rial...

Essa farça, porê, havia de acabar
– e um dia tece o cabo:

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

Houve quem defendesse os direitos da *escória*:
deram-te armas... E crendo, enfim, numa vitória,
chegam-te a palha ao rabo,
e eis-te na rua, então, cantando – *Heróis do mar!*

Prometeram-te a vinte, e a trinta reis o arroz;
o pão e o bacalhau a vintém – que delícia!
Saiste vencedor; mas – ilusão atroz! –
só tens barato o *peixe espada* da polícia...

E hoje, se descobrir, quer's, Novos Horizontes,
e arremessar de vez, com tua velha albarda,
– tens logo pela prôa – ó corja brutamontes,
o sabre, o *cace-tête* e os caminhões da Guarda...

O sonho que sonhaste – essa Manhã de Outubro –
embriagado, a verter, teu sangue forte e rubro
– êsse teu sonho – vês? – é hoje realidade:
Somos *iguais e irmãos*, ao sol da *Liberdade*..."

(Coimbra)

Roberto Pedroso

Em 1924, à medida em que amadurece o seu ideal anarquista no sentido individualista e ateísta, a problematização dos conflitos e das contradições provenientes de Deus, do Estado e do capitalismo deixam de estar confinados ao seu militantismo ateísta. Os problemas e a sua resolução incidiam na própria sociedade e, conseqüentemente, na crítica radical do próprio povo como entidade alienada e imbecil. O poema sobre a revolta foi publicado por Roberto das Neves, quando tinha 16 anos quatro meses e 27 dias¹²:

“REVOLTA

Sociedade imbecil! minha alma te abomina!
Ó sociedade torpe, imunda, libertina
que te atiras, perversa, ao amplo tremedal,
onde rasteja o vício e onde floresce o Mal;

Sociedade cretina, ignóbil e corrupta
que escarneces do Amor como uma prostituta,
que condenas o Bem e geras a Desgraça;

pútrida Sociedade, ó meretriz devassa
onde apanhaste a lepra que a alma te corróe?
... Sociedade imbecil, que execras o Herói;

Sociedade que rís da Dôr e da Miséria
e só pensas no gozo imundo da matéria;
ó torpe Sociedade, inconsciente e assassina,
Sociedade imbecil; minha alma te abomina!”

Roberto Barreto Pedroso Neves

Um outro aspecto importante da evolução intelectual de Roberto das Neves, quando tinha dezesseis anos, cinco meses e dezessete dias, centrou-se na crítica radical da economia política e do dinheiro, tendo presente o valor simbólico que personificava na vida cotidiana das pessoas, seja como ouro ou vil metal. Em qualquer das circunstâncias que se apresentasse para o comum dos mortais, era um Deus onipotente que tudo comprava: honra, amor, dignidade, moral, ética, etc... Mais uma vez, estamos em

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

presença de uma problemática que é alienante e escraviza o povo e a espécie humana em geral. Nem Deus escapa a esta fascinação do dinheiro consubstanciado na figura do ouro¹³:

“O OURO
(A Bento Faria)

Para a luta da Vida, és o melhor escudo!
Sem ti, Aureo Metal, tudo é estéril na vida
– *nesta perversa vida em que se vende tudo:
a dignidade, o amor, uma hora bem fruída...*
...Para a luta da Vida, és o melhor escudo.

Ó, como é prodigioso, é Ouro, o teu poder:
eleges, depões reis, dás liberdade ao preso;
contigo, eu compraria amigos e mulher.
Na Terra és bem um Deus, um Válpole ou um Creso...
...Ó, como é prodigioso, ó Ouro, o teu poder!

És do Mundo, Milhão, Senhor Omnipotente:
imperador's e reis se curvam a teus pés;
todos te adoram, Ouro, és Deus de toda a gente,
todos te rendem culto e fazem *tagatés*.
...És do Mundo, Milhão, Senhor Omnipotente!

Ninguém, Louro Metal, ao teu império escapa,
ninguém há que resista aos resplendores teus:
enlouqueceste os reis, desvarias o Papa
e nem ao teu fulgor é indiferente Deus.¹⁴
...Ninguém, Louro Metal, ao teu império escapa!

És o mais prodigioso e eficaz talisman,
escada que conduz a todas as alturas,
demónio que seduz co'a fôrça de Satan,
gazúa que viola as melhor's fechaduras.
...És o mais prodigioso e eficaz talisman!

A sugestão que tú provocas nos humanos
– louca alucinação – dum flúvio magnético,
em certas almas gera escuros, negros planos,
fascinação, insânia, um sono cataléptico
...A sugestão que tú provocas nos humanos!

Para a luta da Vida, és o melhor escudo.
Sem ti, Aureo Metal, tudo é estéril na Vida
– *nesta perversa Vida em que se vende tudo:*
A dignidade, o amor, uma hora bem fruída...
...Para a luta da Vida, és o melhor escudo!"

Coimbra
Roberto das Neves

Quando em 1924, Roberto das Neves tinha dezesseis anos, seis meses e trinta dias, através dos seus poemas, afirma-se publicamente como anarquista. Os problemas sociais só poderiam ser resolvidos por essa via, e não através dos processos clássicos da burguesia e do Estado. Consequentemente, as formas de representação burguesa, estatal, religiosa ou partidária deveriam ser suprimidas. A revolução social anarquista deveria ser realizada pela força das armas. A insurreição seria o melhor método para alcançar a anarquia¹⁵:

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

“Herói plebeu nobre povo,
Lião faminto e ululante,
vai erguer o Mundo Novo
com teu braço fecundante!
pelo céu, na imensidade
vagueia, há séc’los, à solta
a forte voz da Revolta,
a chamar-te à Liberdade.

Às armas! às armas! Contra a cruel Burguesia!
Às armas! às armas! Pelo Amor e a Harmonia!
Contra a Opressão! Pela Anarquia!

Desfralda a nova bandeira
sôbre a grande Pátria – a Terra.
Do Universo – a Terra inteira –
bane o Crime, o Roubo, a Guerra!
E, ridente, o Sol jucundo
sorrir-te-hà ó Produtor,
que o teu braço vencedor
levantou um Novo Mundo.

Às armas! às armas! Contra a cruel Burguesia!
Às armas! às armas! Pelo Amor e a Harmonia!
Contra a Opressão! Pela Anarquia!

Saudai o sol que desponta
num rutilante clarão.
Seja o eco duma afronta
o sinal da Insurreição!
Sirva de morte, de guia
a Idea fulgente e bela.

Vamos, de olhos fitos nela,
à conquista da Anarquia!

Às armas! às armas! etc...”

11/02/1924

Roberto das Neves

A continuidade da produção literária e poética de Roberto das Neves, durante a década de 1920, fez-se fundamentalmente através do semanário *A Comuna*, sediada no Porto. Ao mesmo tempo que o jornal *A Batalha* expressa o ideal anarquista em termos do anarco-sindicalismo e do sindicalismo revolucionário, *A Comuna* era o baluarte do anarquismo específico, mais concretamente do anarco-comunismo e do comunismo libertário. Não obstante, percebe que embora estivesse integrado na perspectiva da União Anarquista Portuguesa, pela natureza dos seus escritos, podemos observar que suas posições idiossincráticas vão no sentido de uma anarquismo individualista. Nesse sentido, com dezesseis anos, dez meses e treze dias publica “Perante o Garrote” (aos homens livres de todo o mundo), um poema de solidariedade para com Juan Bautista Archer¹⁶. Com dezessete anos, três meses e sete dias pública o poema “Prelúdios”¹⁷, alusivo a uma crítica à burguesia. Aos dezessete anos, seis meses e 25 dias publica “Carnaval”¹⁸, fazendo uma crítica feroz à participação do povo numa festa alienante e estuprificante. Quando tinha dezoito anos, um mês e três dias publica o poema “O Herói”, no qual mais uma vez fustiga a participação do povo na revolução de outubro de 1910.

Entretanto, ocorre o golpe de Estado militar de 28 de maio de 1926 que deu origem, posteriormente, à ascensão de Salazar ao poder autocrático fascista, sobretudo se levarmos em conta o conteúdo da constituição de 1933. Estes fatos condicionaram a ação da luta dos trabalhadores e da Confederação Geral do Trabalho, assim como de seu porta-voz *A Batalha*. Roberto das Neves não se amedrontou e com dezoito anos, dez meses e seis dias participou numa solidária a favor de Sacco e Vanzetti, tentando evitar que seguissem o caminho da pena de morte¹⁹. Ainda que a sua colaboração incidisse muito mais no semanário *A Comuna*, isso não impediu que se aproximasse do jornal *A Batalha* e publicasse um texto sobre o trabalho extenuante dos camponeses na produção de riqueza na terra, tendo presente o sofrimento que padeciam ao sol, à chuva e ao vento²⁰. Em termos das referências do anarco-sindicalismo preconizado pelo jornal *A Batalha*, todavia, importa sobremaneira enaltecer a descrição que faz da condição-função das famílias dos trabalhadores portugueses. Ao dar a estes o epíteto de ralé, por essa via, consegue expressar muito a natureza da tragédia, miséria, pobreza, promiscuidade e inexistência de dignidade humana nos trabalhadores portugueses. Em contrapartida, a situação da burguesia primava pela luxúria e o egoísmo exacerbado²¹:

“TRAGÉDIA DA RALÉ

Trevesa noite. Chove.
A chuva tecla na vidraça

A lúgubre canção funérea da Desgraça.
O vento – a Knout do velho Jove –
Anda a zurzir a carne aos miseráveis ...

Passam na rua párias em cardume
– hirtos, famintos, roxos, semi-nús.
É noite. Jeová petisca lume.
– rasga, lá longe, a treva um zigzaguear de luz .-.
O vento chicoteia os miseráveis...

Envoltos nus farrapos, sujos, trágicos,
Vagueiam os sem-casa, os vagabundos,
Rentes à casaria, a tiritar.
Trovões rolam no céu, vertiginosos, mágicos,
Dando roncoss profundos.
– E o velho Jeová, a gargalhar
uma risada cínica, grotesca,
talvez a recordar
que não no Inferno carne fresca...
Vai fustigando o vento os miseráveis...

A correr, passa além,
tôda molhada,
esguedelhada,
esfarrapada, trágica, uma jovem mãe,
ao seio conduzindo o filho nú, gelado.
A mãe busca uma casa, um alpendre, onde acoite
o filhinho molhado,
e onde passem a noite.
... E o vento a vergastar os miseráveis...

E no alto-mar
Que a luta colossal, formidável, titânica,

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

o pescador não anda agora a disputar
 com a fúria oceânica
 ... para levar o peixe à Burguesia!...
 Lùgubrememente, o vento ulula e assobia
 e azorraga, furioso, os miseráveis...

Que dramas, que tragédias, que lá fora
 se desenrolarão na noite fria!...
 A chuva é grossa, muda e implacável
 – escarros que Deus cospe, inexorável,
 à Humanidade impia...
 Raivoso, o vento ladra aos miseráveis...

Entretanto, alheado disto tudo,
 o humorado burguês pantafaçado,
 ao canto da lareira, ouve um avô
 aos netinhos contar contos-da-carochinha,
 dum rei, duma rainha
 – recordações dum tempo que passou.
 Fora, o vento acicata os miseráveis...

Entretanto, pacato, egoísta e indif'erente,
 – ao som das joviais risadas das crianças
 De louras tranças,
 Limpinhas, asseadas,
 Gorduchas, bem-tratadas –
 O bom burguês absorve uma sopinha quente.
 ... Enquanto o vento, fora, ameaça os miseráveis...

O bom burguês, pacífico, entretanto,
 enquanto a chuva cai e o Eterno Brama
 e os deserdados vertem sangue e pranto

e tombam, mortos, hirtos, nalgum canto...
enquanto da Ralé tosem tísicos peitos
e agonizam no chão duma imunda locanda
– o pacato burguês sonha, em macia cama,
em doces, fofos leitos,
entre finíssimos lençóis de Holanda...
... Enquanto o vento uiva e gela os miseráveis...

E Deus? – Esse, no Céu, alheio, indiferente,
mostra os braços, de lá, à Humanidade escrava,
num gesto pornográfico, indecente,
e manda-nos à fava!...
Sempre, o vento a espancar os miseráveis...

Numa epiléptica valsa,
macabramente, o arvoredado solta
a ramada, num baile ameaçador, funérico.
... A Humanidade régroba, descalça,
anda a compor, na noite, um hino de Revolta,
e a encher de dinamite
a carcaça dum mundo cadavérico...
E o vento, que não deixa em paz os miseráveis!..."

Coimbra, 1926

Roberto das Neves (Estudante de Letras)

A prodigalidade da escrita em Roberto das Neves era constante. A partir do momento em que a publicação dos seus escritos se tornou mais difícil devido à ação negativa da ditadura, mas também à falência financeira sistemática das publicações anarquistas, ainda com dezoito

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

anos publica o *Espectro de Buiça*²². Existem indicações que nesse ano de 1926 ano publicou ainda *Flor de Maio*²³ e *Os Temperamentos e sua Manifestações Gráficas*²⁴ (tese de conclusão do curso de psicologia da Universidade de Coimbra). Evidentemente que a sua maneira de ser não lhe permitia ficar quieto perante as injustiças que atravessavam a sociedade portuguesa. Por difundir as ideias anarquistas foi várias vezes preso em 1926 e 1927. Em 1929 é novamente preso como diretor do jornal anarquista *A Igualdade*. Nesse mesmo ano, com vinte e dois anos adere à maçonaria do Grande Oriente Lusitano através da Loja Rebeldia, tendo para efeito adotado o nome simbólico de Satan. Roberto Barreiro Pedroso Neves aderiu à Loja Rebeldia em 1929 e é provável que tenha sido preso no mês de abril desse ano, quando de um assalto às instalações da sede do Grande Oriente Lusitano pela Guarda Nacional Republicana e a Polícia de Segurança Pública²⁵. Em 1930 e 1931, continua na sua luta pelos ideais anarquistas, sendo por essa razão várias vezes preso. Após ter interrompido a sua licenciatura em Coimbra, o problema da sua sobrevivência impõe-se de modo pertinente. Assim, a partir de 1931 torna-se jornalista do jornal diário portuense *O Primeiro de Janeiro*. Nesta condição, torna-se correspondente deste jornal em Madrid. Ao mesmo tempo que elaborava as suas crônicas para o referido jornal, liga-se ao movimento anarquista espanhol e português, ajuda a reestruturar a Federação Anarquista de Portugueses Exilados e escreve no jornal *Rebelião*, órgão oficial desta organização²⁶.

Passado algum tempo, regressa a Portugal. Em 1933, acaba finalmente a sua licenciatura na especialidade em Histórico-Filosóficas e torna-se também jornalista do jor-

nal diário lisboeta *O Século*. Nesse mesmo ano publica um estudo sócio-geográfico relacionado com a sua terra natal²⁷.

Em 1935, com vinte e oito anos, publica um *Curso Completo de Esperanto (nível elementar, médio e superior)*, com a edição da Portugala Instituto de Esperanto²⁸. Foi também co-autor de um Dicionário Português-Esperanto e Esperanto-Português. Durante os últimos tempos que esteve em Portugal no período da vigência da ditadura fascista de Salazar, não obstante os condicionalismos que na altura persistiam, Roberto das Neves não se coibiu de lutar contra os aspectos perversos dessa realidade, o que o levou várias vezes à prisão. Muitos dos poemas que publicou, posteriormente, no Brasil têm origem nessas prisões. Um fato marca de forma indelével a sua luta pela liberdade e a solidariedade no meio anarquista internacional. A este respeito, a revolução espanhola de 1936-1939 foi, sem dúvida, um exemplo emblemático da ação de Roberto das Neves, de sua mulher Maria Jesusa Saiz Diaz e de outros companheiros e companheiras em solidariedade aos refugiados espanhóis que almejavam chegar ao México. Usando estratagemas e estratégias de sobrevivência bastante arrojadas, conseguiram arranjar um navio que transportou centenas de refugiados espanhóis para o México. Para além deste episódio de grande solidariedade, a ação de Roberto das Neves nos últimos tempos em Portugal é fundamentalmente panfletária e jornalística. Como já focamos, antes, durante e depois da eclosão da guerra civil espanhola, a inserção de Roberto das Neves no seio da imprensa escrita é muito importante, tendo colaborado e, em alguns casos, dirigido diversos periódicos: semanário *Igualdade* (Coimbra), jornal *Rebelião* (órgão da Federação dos Anarquistas Portugueses – 1932-1938), o *Portugala*

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

Instituto de Esperanto, jornal *A Batalha* (Lisboa), *República* (Lisboa), *O Comércio do Porto*, o *Primeiro de Janeiro* (Porto), *O Rebate* (Lisboa), o *Diário da Noite* (Lisboa), *O Século* (Lisboa), *O Povo* (Lisboa), no semanário *O Diabo* (Lisboa), *A Comuna* (Porto), *Revolta* (Lisboa), *A Aurora* (Porto, 1929-1930).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, Roberto das Neves tenta fugir desse contexto sócio-econômico, político e cultural bastante adverso, daí que tenha emigrado em 1942 para o Brasil, com sua mulher e sua filha. Antes de partir, publicou *O Meu Livro: orientação médico-pedagógica para a vida do ser humano*²⁹.

Vida e obra de Roberto das Neves no Brasil

Quando chegou ao Brasil, Roberto das Neves tinha trinta e cinco anos. As razões que estiveram na origem da vinda de Roberto das Neves para o Brasil enquadravam-se numa perspectiva simultaneamente cultural, sócio-econômica e política. O contexto difícil da ditadura de Salazar agravou-se notoriamente durante a década de trinta do século XX. O fato do Brasil não participar dos conflitos perversos provocados pela Segunda Guerra Mundial e, por outro lado, por estar mais vocacionado para socializar e expandir a língua portuguesa à escala mundial, torna-o um país de eleição para a emigração portuguesa. O Brasil, para Roberto das Neves, era também o espaço-tempo ideal para participar com outros portugueses na luta contra a ditadura fascista de Salazar.

O seu primeiro objetivo foi arranjar formas de sobrevivência para si e para a sua família. Como no Rio de Janeiro existia uma comunidade de exilados políticos

que eram opositores do regime de Salazar, e porque alguns eram seus conhecidos, não admira que através deles tenha arranjado trabalho como jornalista em alguns jornais, como foi o caso da *Força da Razão*³⁰, e tenha iniciado as suas pesquisas no domínio da grafologia com a criação do Instituto de Pesquisas Grafológicas em 1946. A atividade editorial caracteriza-se pela divulgação das suas ideias anarquistas, de concepção de vida e saúde e, indefectivelmente, pela oposição ao regime de Salazar.

Em abril de 1945 foi criado o Comitê Português Anti-Fascista³¹. Participam nesse comitê, entre outros, Roberto das Neves, Sarmiento Pimentel, Tomás Ribeiro Colaço, Joaquim Novais Teixeira e Aniceto Monteiro. Em 5 de outubro de 1958, conjuntamente com emigrantes e outros portugueses exilados, funda a Associação General Humberto Delgado. Passado algum tempo, dá-se uma cisão entre o general Humberto Delgado e Roberto das Neves. As posições militaristas e autoritárias do primeiro não se coadunavam com os pressupostos anarquistas do segundo³². Colaborou com o grupo que editava o jornal *Portugal Democrático* sediado em São Paulo através da sua filial no Rio de Janeiro denominada *Serviço de Informação Internacional do Portugal Democrático* e, ainda, no jornal *Gazeta do Brasil* do Rio de Janeiro. A atividade política de Roberto das Neves era muito intensa, razão pela qual a sede da sua Editora Germinal fosse o local de muitas reuniões e de conspirações contra a ditadura de Salazar³³. Importa sobremaneira salientar a sua ação de solidariedade junto a todos aqueles que estavam envolvidos no sequestro da embarcação Santa Maria da Companhia Nacional de Navegação. Foi uma aventura notável e a todos os títulos rocambolesca que perdurou entre 22 de janeiro de 1961 e

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

4 de fevereiro desse mesmo ano. Entre vários participantes, sublinhe-se o papel do capitão Henrique Galvão, do general Humberto Delgado e de Camilo Mortágua. Foi de fato um ato de terrorismo moderno que pôs em pânico a ideologia da estabilidade normativa do fascismo de Salazar. Neste caso, a solidariedade de Roberto das Neves e de Edgar Rodrigues em relação aos assaltantes da embarcação de Santa Maria foi fundamental, já que permitiu subtraí-los da repressão policial brasileira durante vários dias. O local privilegiado para essa ação de solidariedade foi o “Nosso Sítio”, propriedade do Centro de Cultura Social de São Paulo. Posteriormente, com o assassinato do general Humberto Delgado em 13 de fevereiro de 1965, embora não tenha aparecido com o seu nome, Roberto das Neves escreveu um artigo num jornal brasileiro denunciando o crime hediondo dos que atuaram em nome da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). Na sua luta contra a ditadura de Salazar há que salientar as edições que dinamizou no âmbito da Editora Germinal, nomeadamente os *Sermões da Montanha*, de Tomás da Fonseca, em 1948, *Portugal Oprimido*, de Fernando Queiroga, em 1958 e, ainda, *A Fome em Portugal*, de autoria de Edgar Rodrigues e Roberto das Neves, 1959.

Não obstante a importância que a luta contra a ditadura fascista de Salazar poderia personificar, para Roberto das Neves subsistia a necessidade imperiosa de divulgar as ideias e as práticas do anarquismo no Brasil. Essa divulgação centrava-se sobretudo na edição de livros identificados com o anarquismo individualista, o naturismo, o vegetarianismo e o esperantismo. Com este propósito criou, em 1946, no Rio de Janeiro, a Editora Germinal. Desse modo, em 1955, editou, de Rafael López

del Palacio, *Páginas Clínicas*. De Sébastien Faure, em 1958, *Provas da Inexistência de Deus*. Ainda, em 1958, editou *Cooperativa sem Lucros*, de Pedro Ferreira da Silva. Em 1960, de Émile Armand, *Nova Ética Sexual*. Em 1961, editou *O Quinto Evangelho* e o *Manual Filosófico do Individualista*, de Han Ryner. Em 1962, *O Novo Israel*, de Agoustin Souchy. De José Oiticica, para além do *Curso de Literatura*, em 1960, editou *Ação Direta*, em 1970. Tenha-se presente também as seguintes edições: *Macrobiótica-Zen*, de Georges Obsawa, em 1968; *Terapêutica Waerland*, de Ebba Waerland, em 1968; *Alimentação Waerland*, de Ebba Waerland, s/d; *Manual Waerland da Saúde*, de Are Waerland, de 1968; *Anarquismo: da Doutrina à Ação*, de Daniel Guérin, 1968; *O Câncer – Doença da Civilização – Prevenção e Cura*, do Dr. Floriano de Lemos, em 1970; *Erros e Contradições do Marxismo*, de Varlan Tcherskesoff, s/d; *O Anarquismo e a Ciência Moderna*, de Piotr Kropotkin, s/d; *Jesus Vegetariano*, de Karl Brandt, s/d; *O Sistema Waerlan numa Casca de Noz*, de Are Waerland, s/d; *Curso de Alimentação e Terapêutica Naturistas*, de Rogério Malta, s/d; *Acupuntura, Alopátia, Homeopatia e Naturismo*, de Paul Carton, em 1970; e *Como Viver de Acordo com os Ensinos de Krishnamúrti*, de A. Carneiro da Cunha, s/d.

Devemos realçar o fato destas edições terem sido objeto de traduções, prefácios ou de introduções de Roberto das Neves. Estes aspectos indiciam que Roberto das Neves transformou a sua atividade editorial numa função de luta primacial contra o Estado, contra o capitalismo, contra Deus e também contra a estupidificação da espécie humana no planeta Terra. Para os devidos efeitos, escolheu os autores, interpretou-os e valorizou-os. Muito antes da queda do muro de Berlim em 1989 e já na década de 20

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

do século XX é deveras interessante saber que Roberto das Neves sempre foi um crítico da situação do comunismo na URSS, do marxismo e da ditadura do proletariado.

“Como ficaram os camponeses sem autoridades’, publicada sob a firma de Stenka Razzi, em 1919, ou seja nos primeiros anos após a Revolução, obra inspirada na concepção anarquista, como do seu título se infere. Depois desta, não se conhecem outras utopias. O motivo é fácil de deduzir se nos lembrarmos de que na Rússia, país de regime totalitário, não existe liberdade de imprensa nem artística, e que a utopia é considerada, no ‘país do socialismo’, como um género literário ‘herético’, ‘pequeno-burguês’, ‘anarcóide’. O genial escritor Pasternack teve a idéia, depois da queda de Staline, de tentar ressuscitá-la. Todos sabem o que lhe aconteceu. É que a Rússia, apesar do abrandamento do regime de terror, posterior a Staline, ainda não se reconciliou com o sonho e com a liberdade, que continuam a ser ali considerados, desde Lenine, como ‘futilidades’ e ‘preconceitos burgueses’. Ao devaneio tolerante, libertador e criador, da utopia, preferem os marxistas o realismo frio e esterilizante do dogma”³⁴.

A incursão de Roberto das Neves nas atividades editoriais circunscritas à difusão das ideias e práticas do anarquismo no Brasil não se basearam na ação de outros autores que foram editados na Editora Germinal. Quando tinha quarenta e cinco anos publicou, nesta editora, *Assim Cantava um Cidadão do Mundo (Poemas que levaram o autor 13 vezes às Masmorras da Inquisição de Salazar)*³⁵. Com quarenta e sete anos publica *O Diário do Dr. Satã (Comentários Subversivos às Escorrências Quotidianas da Sifilização Cristã)*³⁶. Ainda dentro desta perspectiva sublinhe-se a sua colaboração no jornal anarquista *Ação Direta*, do Rio de Janeiro, entre

1946-1957. Assinale-se também a sua colaboração com o jornal anarquista *A Plebe*, de São Paulo, no período de 1945 a 1950, e no jornal anarquista *Remodelações*, do Rio de Janeiro, entre 1945 e 1947. Toda a ação militante de Roberto Neves no Brasil em prol da anarquia estendeu-se sobretudo ao Rio de Janeiro. Com a morte de José Oiticica em 1957, não admira, assim, que Roberto das Neves, com cinquenta e um anos, em 7 de março de 1958, participasse com outros anarquistas na criação do Centro de Estudos Professor José Oiticica (CEPJO). Desse grupo faziam parte: Ideal Peres, Esther de Oliveira Redes, Roberto Barreto Pedrosa das Neves, Antônio Francisco Correia (Edgar Rodrigues), Afonso Alves Vieira, Seraphim Porto, Germinal Bottino, Manuel dos Santos Ramos, Francisco de Magalhães Viotti, Fernando Gonçalves da Silva; Pedro Gonçalves dos Santos, Enio Cardoso e Rual Vital (Atayde da Silva Dias).³⁷ As atividades do CEPJO foram muito importantes nos primeiros anos, não obstante as dificuldades financeiras que surgiram entre 1960 e 1964. No geral, segundo Edgar Rodrigues³⁸, o CEPJO desenvolveu um conjunto de atividades significativas, tendo para o efeito criado: 1) Movimento Estudantil Libertário (MEL); 2) Grupo de Teatro Social (GRUPETS); 3) Movimento Pacifista Brasileiro; 4) Centro Internacional de Pesquisas sobre o Anarquismo no Brasil (Pietro Ferrua e Enio Cardoso); 5) Cineclube; 6) Centro Brasileiro de Estudos Internacionais; 7) Cursos, Palestras, Seminários e Conferências. Por outro lado, assinale-se também que o CEPJO criou a Editora Mundo Livre, em 1962.

Roberto das Neves saiu do projeto CEPJO em 1960. Isso não obstou a que proferisse duas conferências relacionadas com a *Maçonaria* e o *Nacionalismo, Internacionalismo*

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

e *Anacionalismo*. Por outro lado, publicou dois livros na Editora Mundo Livre: *Marxismo, Escola de Ditadores; A Fome em Portugal* (em colaboração com Edgar Rodrigues).

Embora já estivesse numa dinâmica sob controle e vigilância da ditadura militar, a sede do CEPJO só foi assaltada pelos militares em outubro de 1969. Como é normal nestas circunstâncias, foram presos alguns membros do CEPJO: Ideal Peres, Roberto das Neves, Pietro Ferrua, Fernando Gonçalves da Silva e Carlos Alberto Silva. Para além destes foram acusados pela Primeira Auditoria da Aeronáutica da 1ª Circunscrição Judiciária Militar: António Costa, Manuel dos Santos Ramos, Paulo Fernandes da Silva, António Francisco Correia (Edgar Rodrigues), Eli Briareu de Oliveira, Mário Rogério Nogueira Pinto, António Rui Nogueira Pinto, Maria Arminda Sol e Silva, António da Silva Costa, Elisa da Silva Costa e Roberto da Silva Costa. O processo judicial perdurou entre 1969 e 1972. Todos os acusados, sem exceção, foram absolvidos.

Em Portugal, a ligação de Roberto das Neves com a maçonaria começou, em 1929, quando tinha vinte e dois anos. Não obstante, a sua divulgação foi basicamente desenvolvida no Brasil. A interdependência e a complementaridade que Roberto das Neves encontra entre o anarquismo e a maçonaria é bastante sintomática. Roberto das Neves encontra na ideia da maçonaria as hipóteses de combater a injustiça, a dominação e a alienação. O seu ateísmo identifica metaforicamente Lúcifer ao Dr. Satã. O pseudônimo de Satã serve-lhe perfeitamente para dinamizar as suas ideias e práticas no seio da maçonaria, daí que em 1948 Roberto das Neves tenha aderido à Loja “Filantropia e Ordem”, no Rio de Janeiro, tendo como patrono da instituição o Grande “Arquiteto Universal”. Ser maçom funcionava como

antídoto das premissas do Estado, de Deus e da Igreja. Não era por acaso que, segundo ele, Sébastien Faure, Piotr Kropotkin, Mikhail Bakunin, Malatesta, Ferrer y Guardia, José Oiticica, Proudhon, Émile Armand, Han Ryner, Maria Lacerda de Moura, Elisée Reclus, etc., eram todos maçons:

“Provas de Inexistência de Deus’ tornadas públicas pela primeira vez, em Paris, numa série de conferências promovidas pelo Grande Oriente de França (maçonaria Francesa), e que a Editora Germinal acaba de reeditar, é uma das obras primas do pensamento maçônico e anarquista mais difundidas em todo o mundo. Sébastien Faure nasceu a 6 de janeiro de 1858 em Saint-Étienne (Loire, França) e faleceu a 14 de julho de 1942, com 84 anos, portanto em Ruão. Originário duma das famílias mais burguesas e conservadoras de França, recebeu as primeiras luzes do ensino em estabelecimento religioso, cujos dirigentes, padres jesuítas, havendo farejado nele inteligência e vocação apostólica excepcionais, apressaram-se em aproveitá-lo para o serviço da Igreja. Que terrível e dolorosa decepção a deles, quando, mais tarde, como acontecera com Voltaire, Laménais e tantos outros grandes vultos do livre-pensamento, o viram convertido num dos maiores expoentes da Maçonaria e do Anarquismo! As circunstâncias em que se operou a crise mental que o fez abandonar o redil da Igreja e abraçar os ideais revolucionários, que se tornariam no motivo dominante da sua vida, conta-no-los ele próprio nas linhas que servem de intróito às ‘Provas da Inexistência de Deus’, sob o título ‘Porque vesti e despi a sotaina’³⁹.

As atividades de Roberto das Neves no Brasil, como maçom, para além da divulgação dos seus princípios elaborando introduções e traduções de livros de autores anarquistas maçons, também envolveram a realização de uma série de

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

conferências a mando da loja a que pertencia. Acreditando sempre na utilidade da maçonaria, a sua descrença na maçonaria brasileira era, no entanto, uma realidade:

“No Brasil, antes de fazer o seu testamento e ceder o lugar a outra instituição porventura mais preparada para lhe suceder como dínamo do progresso social, a atual Maçonaria, que no Brasil conta com cerca de 700 lojas – infelizmente, em sua maioria ‘adormecidas’ ou quase – espalhadas por todo o território, poderia ainda realizar tarefas eminentemente úteis, em prol do estabelecimento dum mundo melhor”⁴⁰.

Um outro domínio que Roberto das Neves abraçou foi, sem dúvida alguma, o esperanto. Para ele, o esperanto não era exclusivamente o culminar da evolução natural de todas as línguas para a perfeição comunicacional mundial da espécie humana. O esperanto era também, e sobretudo, a língua da emancipação social que derrubava todos os nacionalismos e patriotismos e, por essa via, levava a espécie humana para a anarquia:

“Língua embora de todos e para todos, língua neutra, alheia a concepções políticas, sociais e religiosas, o Esperanto é, não obstante, com redobrada razão e principalmente, o idioma instrumento dos que acalentam sonhos e aspirações da fraternidade ecumêmica, dos que abraçam, num amplo espírito de amor e paz, os povos todos do mundo. É também o idioma das classes trabalhadoras e deserdadas, às quais o Esperanto, pela simplicidade da sua arquitectura, em contraste com a complexidade aristocrática das línguas nacionais, incompatível com os afazeres e o grau de cultura do proletariado, oferece a rara possibilidade de se libertarem das fronteiras linguísticas”⁴¹.

Depois de ter chegado ao Brasil, Roberto das Neves deu uma série de cursos sobre esperanto. Foi nesse âmbito que teve oportunidade de conhecer como aluna Maria Angélica Oliveira, com a qual casou no início da década de 60 do século XX. Desse casamento nasceu um filho a que também chamaram Roberto das Neves e que vive atualmente no Rio de Janeiro. Diga-se de passagem que da primeira mulher com quem casou, Maria Jesusa Saiz y Diaz, Roberto das Neves teve uma filha chamada Primavera Acrata Saiz das Neves. Esta morreu em 1981 e foi casada com o coronel Manuel Pedrosos Marques que participou no assalto ao quartel de Beja em 1962, quando era capitão do exército.

Uma das facetas mais importantes da vida e obra de Roberto das Neves no Brasil situa-se na divulgação do vegetarianismo e do naturismo no Brasil. O radicalismo que assumiu através dos textos que publicou e, consequentemente, as práticas de que daí advinham levavam Roberto das Neves a antagonizar-se com muitas pessoas e também com certas concepções de vida de alguns anarquistas. Roberto das Neves foi muito mais conciso e pródigo sobre as problemáticas naturistas e vegetarianas de que propriamente sobre as grandes teorias sobre o anarquismo. Assim sendo, tenha-se presente a publicação de *Duodécálogo do Verdadeiro Macrobiótico*⁴²; *Método Infalível para Deixar de Fumar*⁴³; e *Você é Macrobiótico ou Vegetariano?*⁴⁴.

Sendo um adepto incontornável do vegetarianismo demonstra-se um intransigente defensor dessa prática ao longo de toda a sua vida:

“Quanto a mim, adoto, há sessenta anos, a dieta vegetariana. A ela, apesar de meia dúzia de transgressões, de que muito me arrependo, devo as maiores alegrias da

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

minha vida, tanto físicas como espirituais, pois, gravemente doente desde tenra idade e condenado à morte, várias vezes, pelos médicos, recuperei a saúde graças ao vegetarianismo, e gozo de saúde boa desde que, há meio século, me libertei da estúpida superstição de que a carne, a *carne* cria, abolindo do meu cardápio todas as carnes, incluindo nestas as mais nocivas de todas, a de peixe e a de galinha, assim como os ovos, mais tóxicos ainda do que a carne, o peixe e a galinha juntos, e adotando, em substituição, o regime Waerland, a macrobiótica verdadeira e, em meu entender, o melhor de todos e o mais conveniente principalmente para os países tropicais, como o Brasil”⁴⁵.

A ação de Roberto das Neves no domínio do vegetarianismo não se limita a criticar todos aqueles que comem carne, peixe ou ovos, ou ainda os que fumam e bebem álcool. O fato de considerar que a boca não foi criada para servir de fumeiro é bem elucidativo da posição que Roberto das Neves toma em relação ao tabaco.

No sentido de dar continuidade às suas opções vegetarianas, Roberto das Neves foi um dos fundadores e, posteriormente, conselheiro da Cooperativa dos Vegetarianos de Guanabara. Esta cooperativa estava situada em Papucaia, nos arredores do Rio de Janeiro. Sem ter hipóteses de reconstituir a data da criação desta cooperativa, os seus princípios e práticas, eram presididas pela produção e consumo de produtos naturais segundo os pressupostos do vegetarianismo e naturalismo defendidos por Roberto das Neves.

Uma outra ação desenvolvida por Roberto das Neves quando chegou ao Brasil foi a profissão de grafólogo. Para esse efeito criou o Instituto de Pesquisas Grafológicas em 1946. Desde então conseguiu sobreviver economica-

mente, realizando cursos, estudos e conferências sobre a grafologia. Por outro lado, com base nos conhecimentos que era possível adquirir através da grafologia, Roberto das Neves vendia os seus serviços a empresas, analisando a personalidade das pessoas que procuravam emprego e que correspondiam a um determinado perfil profissional.

Roberto das Neves morreu em 28 de setembro de 1981, com setenta e quatro anos e vinte e um dias.

Considerações finais sobre Roberto das Neves

Sobre o que foi possível analisar, para mim não existem dúvidas: seja em que perspectiva me coloque, Roberto das Neves é, indubitavelmente, um Cidadão do Mundo. Esta assunção decorre, em primeiro lugar, do espaço-tempo que atravessa a vida cotidiana da espécie humana no planeta Terra. O anacionalismo exacerbado e o antipatriotismo posicionam-no no fim dos exércitos e das bandeiras e, conseqüentemente, na inutilidade das pátrias e das fronteiras. O equilíbrio ecossistêmico entre as espécies animais e vegetais foram, desse modo, uma exigência do vegetarianismo e do naturismo proclamado por Roberto das Neves. A adoção do esperanto como língua universal está dentro dos mesmos parâmetros das exigências do Cidadão do Mundo.

Em segundo lugar, não obstante ter sido um divulgador dos múltiplos anarquismos que interpretam, explicam e compreendem a anarquia de modo diferenciado, Roberto das Neves foi, sem dúvida, um apologista do anarquismo individualista e do anarquismo naturista. A identidade ideológica que mantinha em relação à obra de Émile Armand,

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

Han Ryner e Maria Lacerda de Moura são disso uma prova insofismável.

Em terceiro lugar, o ateísmo de Roberto das Neves passou muito pela sua militância no seio da maçonaria. Pode-se discutir da sua inserção nesse meio. Todavia, sabendo do peso da Igreja Católica Apostólica Romana em Portugal e no Brasil, talvez se perceba a tendência que muitos anarquistas tiveram para ingressar na maçonaria destes países.

Finalmente, penso que muitos dos ensinamentos que nos foi legado pela vida e obra de Roberto das Neves continuam atuais e são, cada vez mais, uma probabilidade histórica indiciadora de uma nova civilização.

Notas

¹ Este artigo é o resultado de uma pesquisa financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto MOSCA – *Movimento Social Crítico e Alternativo – Memórias e Referências* (2010-2013).

² Roberto das Neves. “O diário do Dr. Satan” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 10, 2006, pp. 205-235.

³ Idem, pp. 208-210

⁴ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 8 (98), 6/5/1923, p. 7.

⁵ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 34 (124), 4/11/1923, p. 6.

⁶ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 25, 2/9/1923.

⁷ Roberto das Neves. *Aos excelsos aeronautas: a Sacadura Cabral e Gago Coutinho (Versos)*. Ceia, Tipografia Montes Hermínios, 1929.

⁸ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 25 (115), 2/9/1923, pp. 7-8.

⁹ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 21 (111) 5/8/1923, p. 4.

¹⁰ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 31 (121), 14/10/1923, p. 4.

¹¹ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 41 (131), 23/12/1923.

¹² *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 47 (137), 3/2/1924, p. 3.

¹³ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 50 (140), 24/2/1924, p. 4.

¹⁴ Nota original ao poema por Roberto das Neves: “Alude-se às indulgências, mediante cujo pagamento, Deus desconta as culpas aos humanos – conquistando-se, assim, um bom lugar no Céu, tal como se compra um camarote no teatro”.

¹⁵ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 56 (146), 6/4/1924, p. 5.

¹⁶ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 71 (161), 20/7/1924, p. 4.

¹⁷ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 92 (182), 14/12/1924, p. 5.

¹⁸ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 103(193), 1/3/1925, pp. 4-5.

¹⁹ *A Comuna, Semanário Comunista Anarquista*. Porto, A Comuna, n. 21, 8/8/1926, p. 3.

²⁰ *A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado*. Lisboa, Organização Operária Portuguesa, n. 137, 13/07/1926, p.1

²¹ *A Batalha, Suplemento Semanal Ilustrado*. Lisboa, Organização Operária Portuguesa, n. 143, 23/08/1926, p. 4

²² Roberto das Neves. *O Espectro de Buiça*. Lisboa, Edição do Comité Pró-Presos por Questões Sociais, 1926.

Roberto das Neves: um cidadão do mundo

- ²³ Roberto das Neves. *Maio em Flor*. Coimbra, 1926.
- ²⁴ Roberto das Neves. *O Temperamento e suas Manifestações Gráficas*. Tese de Conclusão do Curso de Psicologia. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1926.
- ²⁵ Ver: *Loja Rebelião*. Disponível em: <http://lojarebelião.blogspot.pt/2007/10/blog-post.html> (acesso em: 10/05/2013).
- ²⁶ Ver: “Roberto das Neves”. Disponível em: <http://betodasneves.multiply.com/journal/item/14/14> (acesso em: 10/05/2013).
- ²⁷ Roberto das Neves. *Pedrógão Grande: no passado e no presente, perspectivas futuras*. Lisboa, 1933.
- ²⁸ Roberto das Neves. *Curso Completo (elementar, médio e superior) de Esperanto*. Lisboa, 1935.
- ²⁹ Roberto das Neves. *O Meu Livro (orientação médico-pedagógica para a vida do ser humano)*. Lisboa, O Século, 1941.
- ³⁰ Edgar Rodrigues. *Três Depoimentos Libertários*. Rio de Janeiro, Achiamé, s/d, p. 21.
- ³¹ Heloisa Paulo. “1961: o assalto do Santa Maria e o desmoranar do regime salazarista em Portugal” in *História Revista*. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, v. 16, n. 1, jan./jun. 2011, pp. 53-80.
- ³² Heloisa Paulo. *O republicanismo e a oposição exilada: combates e crises*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 431-432.
- ³³ Edgar Rodrigues. *Sem Fronteiras*. Rio de Janeiro, VRS-Editores Associados, 1995, p. 178.
- ³⁴ Roberto das Neves. *Entre Colunas*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, s/d, p. 148.
- ³⁵ Roberto das Neves. *Assim Cantava um Cidadão do Mundo (Poemas que levaram o Autor 13 vezes às Masmorras da Inquisição de Salazar)*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1952.
- ³⁶ Roberto das Neves. *O Diário do Dr. Satã (Comentários Subversivos às Escorrências Quotidianas da Sifilização Cristã)*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1954.
- ³⁷ Edgar Rodrigues. *O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972)*. Rio de Janeiro, VJR – Editores Associados, 1997, p. 29.

³⁸ Idem, pp. 32-33.

³⁹ Roberto das Neves, s/d, op.cit., pp. 70-71

⁴⁰ Ver: "Editora Germinal". Disponível em: <http://betodasneves.multiply.com/tag/editora%20germinal> (acesso em: 05/05/2013).

⁴¹ Roberto das Neves, s/d, op.cit., p. 134.

⁴² Roberto das Neves. *Duodecálogo do Verdadeiro Macrobiótico*. Rio De Janeiro, Editora Germinal, 1964.

⁴³ Roberto das Neves. *Método Infalível para Deixar de Fumar, precedido de "Doze Razões por que não fumo" e seguido de "Fórmula Prática para um Suicídio Técnico e Proveitosos"*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1968.

⁴⁴ Roberto das Neves. *Você é Macrobiotico ou Vegetariano? (Ou falsa e Verdadeira Macrobiótica)*. Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1974.

⁴⁵ Roberto das Neves, s/d, op.cit., pp. 229-230.

Resumo

O artigo se volta para a existência do anarquista português, radicado no Brasil, Roberto das Neves. Do início de sua militância em Portugal, atrelada desde já à sua produção escrita, até sua chegada ao Rio de Janeiro, fugindo da Segunda Guerra Mundial e da ditadura de Salazar, busca-se reconstruir o percurso deste “cidadão do mundo” que divulgou o anarquismo, entre várias atividades, por meio da fundação da Editora Germinal.

Palavras-chave: Roberto das Neves, escritos anarquistas, anarquismos.

Abstract

The article devotes attention to the existence of the Portuguese anarchist, established in Brazil, Roberto das Neves. From the initial years of his political activities in Portugal, associated from its very beginning to his writings, to his arrival in Rio de Janeiro – escaping from the II World War and Salazar’s dictatorship – the text aims to review the paths of this “world citizen” who divulgated the anarchisms through several activities such as the foundation of the anarchist publisher house Germinal.

Keywords: Roberto das Neves, anarchist writings, anarchisms.

Roberto das Neves: a world citizen, José Maria Carvalho Ferreira.

Recebido em 22 de abril de 2013. Confirmado para publicação em 15 de agosto de 2013